

PESQUISAS

Antropologia nr. 12

5.º ano

Ano de 1961

ALFREDO ROHR, S. J.

**PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE
SANTA CATARINA, E NOTÍCIAS PRÉVIAS SÔBRE
SAMBAQUIS DA ILHA DE SÃO FRANCISCO DO SUL**

N.º III — Ano de 1960

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Pórtó Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Balduino Rambo, S. J. — Diretor técnico e científico
Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica
João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia
Inácio Schmitz, S. J. — Secretário de Redação

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

Antropologia nr. 12

5.º ano

Ano de 1961

ALFREDO ROHR, S. J.

**PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE
SANTA CATARINA, E NOTÍCIAS PRÉVIAS SÔBRE
SAMBAQUIS DA ILHA DE SÃO FRANCISCO DO SUL**

N.º III — Ano de 1960



Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA, E NOTÍCIAS PRÉVIAS SOBRE SAMBAQUIS DA ILHA DE SÃO FRANCISCO DO SUL

Nº III — Ano de 1960.

ALFREDO ROHR, S. J.

a. ZONA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO.

No nordeste da Ilha de S. Catarina avulta a Lagoa da Conceição.

Com a largura média de aproximadamente, um quilômetro estende-se por uns quinze a vinte quilômetros em direção nortesul, desde o Rio Vermelho até o Rio Tavares.

Costeando do lado leste, o maciço rochoso, corre do outro lado paralela com o oceano. A faixa de terreno de dois a três quilômetros de largura que medeia entre a Lagoa e o mar grosso, forma ao norte extensa planície arenosa e alagadiça, chamada "Campo da Barra", e mais ao sul, pequenos grupos de morros não muito elevados, que terminam nas dunas da Lagoa.

As águas da Lagoa são salobras por ela estar em comunicação com o oceano, pelo Rio da Lagoa, de uns quatro quilômetros de comprimento. A Barra, em certas épocas de maré enchente, fecha-se espontaneamente com um dique de areia. Pelas chuvas abundantes, eleva-se então, aos poucos, o nível das águas da Lagoa por cinquenta a cem centímetros. Nesta altura,

NOTA: Os desenhos que ilustram o presente trabalho, foram feitos no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia de S. Catarina. Agradecemos ao Ilmo. Sr. Dr. Carlos Büchele Junior, DD. Diretor do D.E.G.C., o valioso apôio que nos tem prestado, e ao Sr. Desenhista Cláudio Guasco a elaboração caprichosa dos desenhos.

juntam-se os moradores da Barra da Lagoa, e cortam o dique de areia, restabelecendo a comunicação da Lagoa com o mar aberto.

As águas da Lagoa são ricas em peixes, crustáceos e moluscos. Devido a isto, suas margens, em tempos idos, atraíam numerosas hordas indígenas, que assinalaram a sua passagem por grande número de monumentos páleo-etnográficos ainda hoje existentes.

Até a presente data, pudemos assinalar dezesseis jazidas, compreendidas na zona da Lagoa. Acreditamos existirem outras, ainda desconhecidas; umas enterradas nas areias das dunas e outras perdidas no matagal pantanoso do Campo da Barra. No Rio Vermelho, como vimos, João José Bigarella, em "Contribuição ao Estudo Da Planície Sedimentar Norte Da Ilha de Santa Catarina", já assinalara a existência de três sambaquis. O primeiro é o extenso Sambaqui da Praia Grande, do qual nos ocupamos em publicação anterior (1).

O segundo encontra-se próximo às águas da Lagoa. Igual em superfície ao sambaqui da Praia Grande, foi em grande parte destruído pelos fabricantes de cal (2). A cem metros dêste, Bigarella assinala a existência de outro sambaqui, que não visitamos.

Uns dois quilômetros distante dêste, no lugar chamado Ponta dos Martins, encontra-se quarto sambaqui (4). Possui trinta e seis metros de comprimento por vinte e nove metros de largura, alcançando a camada de conchas a espessura de um metro e meio.

Um exame rápido revelou a ocorrência, particularmente, de ostras (*Ostrea*) e berbigão (*Anomalocardia brasiliensis* Gmelin). Este casqueiro está ainda intato. Mais ou menos, a meio caminho do sambaqui da Ponta dos Martins, ao Sambaqui da Praia Grande, no lugar chamado pelos moradores "Mato do Pilão", fica outro casqueiro (5). Este, por seu turno, possui apenas, uns quinze metros quadrados de superfície, por quarenta centímetros de conchas.

Além das espécies do sambaqui nº 4, ocorre neste, com frequência uma concha maior (*Phacoides pectinatus* Gmelin). Recolhemos na sua superfície também um artefato lítico reniforme, de superfície alisada, feito de basalto. Quase no centro do Campo da Barra, um quilômetro distante da Lagoa e, talvez, outro tanto da praia do oceano, no lugar chamado "Campo do Casqueiro", encontramos o sexto sambaqui (6) de uns vinte e dois metros de comprimento por doze metros de largura e uns quarenta centímetros de espessura de concha.

Este casqueiro, foi, muitas vêzes remexido superficialmente, pela enxada do lavrador e devastado pelo fogo, encontrando-se as conchas reduzidas a farelo, e o material lítico, incômodo aos cultivadores da terra, foi amontoado em montículos ao redor. Constatamos neste sambaqui a presença de *Anadara notabilis*, concha larga, lisa, e de berbigão. À distância de uns dois quilômetros deste sambaqui, e a poucos metros da Lagoa, situa-se outro pequeno amontoado de conchas (7), cuja superfície não atinge vinte metros quadrados, tendo a espessura de uns trinta centímetros de conchas. Também este casqueiro, já repetidas vêzes trabalhado pelos colonos, apresenta as conchas superficialmente esfareladas.

Sambaquis de maior vulto, localizam-se na zona da Barra. A enseada da Barra da Lagoa ainda hoje é um dos viveiros mais ricos em peixes, moluscos e crustáceos, de tôdas as espécies. Assim se explica, que o povoado da Barra, apesar de não ter acesso, a não ser a lancha, ou a cavalo, conta com algumas centenas de casas, e já em épocas remotas, constituia ponto de atração especial para o homem primitivo, que encontrava ali, alimentação farta, ao alcance da mão, marcando o lugar com os traços indeléveis da sua passagem.

Na bôca do Rio da Lagoa, banhados ainda pelas águas, encontram-se, semi-enterrados na areia, alguns blocos esparsos de granito. Em um deles, contam-se acima de cem daquelas típicas superfícies de alisamento em forma de prato, que serviam aos indígenas para apontar e afiar os seus instrumentos de pedra.

À direita do estuário do Rio eleva-se um morrete de base cristalina de trinta metros de altura que forma um pontal rochoso para dentro do oceano. A crista deste morrete, está ocupada por um extenso sambaqui (8) que conta uns cento e cinquenta metros de comprimento por uma largura máxima de sessenta metros. No dizer dos moradores da Barra, o Dr. Norton de Oliveira procedeu a escavações naquele morro, retirando dele alguns esqueletos. Em outros pontos deste sambaqui os moradores retiraram conchas para o fabrico de cal. É assaz difícil, numa rápida visita, formar idéia exata do tamanho e estado de conservação daquele casqueiro, por estar, parcialmente, coberto de densas macegas e semeado de grande número de blocos maciços de granito semi-enterrados nas conchas.

À esquerda do estuário do Rio, nas areias das dunas, existe outro pequeno sambaqui (9) parcialmente ocupado pelos ranchos das barcas dos pescadores. À superfície deste concheiro vi-

mos aflorar restos de um esqueleto humano, quando da nossa visita em 1959.

A própria capela e prédios vizinhos do povoado da Barra, situados a uns duzentos metros da praia, estão construídos sobre terreno de sambaqui (10). É provável que grande parte do povoado atual da Barra, que se situa no ângulo esquerdo, formado pelo rio ao desembocar no mar, esteja assente sobre uma única grande jazida páleo-etnográfica. Qualquer pesquisa neste sentido, porém, desperta a curiosidade e desconfiança dos moradores, ainda pouco atingidos pelo verniz da cultura e da civilização. Quem, vindo da Lagoa, navega rio acima rumo à Barra, após uns trezentos metros encontra um grande sambaqui (11) à mão esquerda. Situa-se em terrenos de propriedade de Isolina Maria Gonzaga, a poucos metros da margem do Rio. Tem uns sessenta metros de comprimento por trinta de largura; sendo a espessura de conchas cinco a seis metros. A composição malacológica deste casqueiro é análoga à do sambaqui da Praia Grande do Rio Vermelho. Narram os moradores que ao abrirem uma toca de tatu (*Dasypus novem-cinctus*), encontraram dois esqueletos humanos. Metade deste casqueiro foi destruído, a décadas passados, por fabricantes de cal.

Atravessando a Lagoa e dirigindo-nos à povoação da Freguesia da Lagoa, encontramos nos seus arredores dois sambaquis. O primeiro deles situa-se na Ponta das Almas (12), quilômetro e meio ao norte da ponte da Lagoa. É um morrete de cinco a seis metros de altura, que se eleva num pequeno plano à beira da Lagoa, permitindo visão ampla e desimpedida sobre as águas da Lagoa, tanto para o norte como para o sul. As conchas ocupam toda a superfície do morrete e parte da planície numa área de uns setenta metros de diâmetro, encontrando-se entremeados de blocos de granito semi-enterrados nas conchas.

A metade sul está ocupada por uma roça de mandioca, enquanto a parte norte encontra-se revestida de densa macega arbustiva. Constatamos a presença de berbigão (*Anomalocardia brasiliensis*), ostras (*Ostrea*), búzios (*Strophocheilus*) e conchas maiores.

O material lítico está amontoado, a granel, em diversos montículos. Além do fogo pré-histórico, sofreu o aquecimento posterior provocado pelas queimadas, que na Ilha fatalmente acompanham o preparo da rocinha do caboclo. Devido a isto, apresenta a superfície mais irregular possível. O proprietário do sítio narra, que tem encontrado também ossadas humanas na superfície do concheiro.

Do lado sul, a duzentos metros da ponte, à beira da Lagoa, existe segundo casqueiro (13) situado em terrenos de propriedade de Laurindo Januário da Silveira. Possui uns trinta e cinco metros de comprimento, por quinze metros de largura. Eleva-se muito pouco acima do solo, tendo a camada de conchas apenas uns trinta centímetros de espessura. Está coberto de vegetação arbustiva, difícil de devassar. Grande parte das conchas já foi queimada no fabrico de cal. Constatamos a presença das espécies comuns da fauna malacológica que ocorrem nos outros sambaquis, como sejam, berbigão (de preferência), ostras, búzios, conchas maiores (Anadara) e material lítico submetido à ação do fogo.

Quem, entrando pela estrada do Rio Tavares, rumo à Lagoa, caminha seis quilômetros, encontra-se numa pequena elevação das antidunas, onde, de repente, o horizonte se alarga. Num relance descortina, dali, toda a extensa e linda paisagem da Lagoa, numa distância de vinte quilômetros para o norte. Chegou ao Canto da Lagoa, nome derivado de um grande bolsão remansoso formado pelas águas tranquilas da Lagoa e orlado de morros. Nos arredores do Canto da Lagoa podemos assinalar quatro sambaquis.

O primeiro dêles (14) situa-se numa língua de terra à margem leste da Lagoa. É bastante extenso em área, uns setenta por trinta metros, mas de apenas trinta a quarenta centímetros de espessura de conchas. . . Também este sambaqui faz parte de uma roça, encontrando-se, por isto, em muito mau estado de conservação. O material lítico está espalhado em profusão na superfície e nos arredores do casqueiro.

O segundo casqueiro (15) do Canto da Lagoa encontra-se, perdido nas extensas dunas da Lagoa, próximo às praias do mar grosso. Corre entre os moradores, que o falecido sr. Carlos Behrenhäuser, tem feito escavações naquele casqueiro, retirando dêle cerâmica e material lítico. Da nossa parte, em duas buscas, não conseguimos localizar aquele casqueiro, talvez por ele se achar, atualmente, encoberto pelas areias movediças das dunas.

O terceiro sambaqui (17) do Canto da Lagoa é um pequeno lençol de ostras e berbigões, situado do lado sul da Lagoa, distando dela um quilômetro. Ocupa a superfície insignificante de uns cinquenta metros quadrados, tendo de espessura de conchas, apenas, dez a quinze centímetros. Talvez não passe de restos de um antigo acampamento guaraní, visto que na sua superfície se encontra espalhada, abundante cerâmica dêste povo, mais recente.

O quarto sambaqui (16) do Canto da Lagoa, encontra-se também do lado sul, distando da Lagoa uns trezentos metros, e dois quilômetros da praia do mar grosso. Uma sonda rápida feita em fins de 1958, neste casqueiro, revelou que a espessura das conchas, não ultrapassava os trinta ou quarenta centímetros.

Do outro lado porém, no pequeno buraco aberto, apareceram dois fragmentos de machados líticos de corte perfeito e muito bem alisado. Colhemos daí a impressão de estarmos diante de uma jazida muito rica em material páleo-etnográfico.

O dono do sítio, Sr. Marcelino Pereira, da sua parte, não se mostrava infenso à idéia de se escavar a jazida de vez que, a mandioca nela plantada, jamais vingara. Outrossim, comprometia-se a providenciar ficasse conservado intacto no próprio local todo o material, acaso descoberto durante as escavações. Sob estas condições favoráveis, iniciamos em princípios de março de 1960 as escavações no setor noroeste daquela jazida, que revelou a seguinte configuração estratigráfica:

1. Uma camada de areia de dez a quinze centímetros de espessura. Nesta camada encontravam-se, além de todos os resíduos da cultura atual, abundante carvão de madeira e raros fragmentos de cerâmica guarani. A louça guarani, porém, nada tinha a ver com a jazida propriamente dita; porque aparece, com maior ou menor frequência, em toda a zona praieira do Rio Tavares; desde o Canto da Lagoa, até o povoado do Campeche, uns cinco quilômetros para o sul.

2. Camada de conchas, que oscilava, normalmente, de vinte a trinta centímetros de espessura. Periódicamente, porém, em pontos isolados, afundava mais, chegando, em certos casos, a noventa centímetros de espessura. Nestes pontos, evidentemente, foram praticados, na areia, buracos, recheados, a seguir, de conchas. Esta camada de conchas, em direção oeste-leste, possui uns vinte metros de comprimento, em direção norte-sul, não ultrapassa doze metros.

Devemos distinguir nela duas partes nitidamente diferentes, quanto à composição, a saber, a área central e a parte periférica.

- a. A *área central* de uns sete metros de diâmetro de concha pura, apresenta-se dura e compacta, formada, quase exclusivamente de berbigão (*Anomalocardia brasiliensis* Gmelin). Na sua parte inferior, porém parcialmente enterrados já na seguinte camada de areia, encontramos freqüentemente uns núcleos, formados de uma dúzia de caramujos terrestres ou de água doce (*Strophocheilus* sp.), que o povo denomina de búzios.

Êstes grandes caracóis por certo, constituiriam o prato favorito, dos construtores daquele reduto e por isso, eram os primeiros a serem sacrificados à sua voracidade.

De mistura com o berbigão, encontram-se raros exemplares de ostras (*Ostrea* sp.), mais freqüentes vêzes, valvas de conchas maiores (*Phacoides pectinatus* Gmelin), fragmentos de pedra (granito), submetidos à ação do fogo e, por isso, de fratura irregular, esfarelado, muitas vêzes, ao contato da mão, muito raros machados de pedra, alguns inteiros, a maioria fragmentados, quebra-cocos, algum outro utensílio, raros fragmentos de ossos e dentes de mamíferos, tudo em adiantado estado de decomposição, e também algum carvão vegetal.

b. Na parte periférica desta segunda camada, vai diminuindo gradualmente a porcentagem de conchas, vindo estas misturadas com porcentagem crescente de terra preta, resíduos de carvão e pedras. Nesta camada aparecem com mais freqüência os búzios e as valvas de *Phacoides*. A parte periférica de conchas misturadas com terra preta, nos setores norte e oeste, possui, apenas uns dois metros de largura; nos setores sul e leste, porém estende-se sobre uma área de dez a doze metros de comprimento acabando na periferia, por ser constituída apenas de terra negra isenta de conchas, mas rica em detritos de carvão vegetal. Nesta zona, na periferia do setor NW descobrimos finalmente, em princípios de dezembro, uma séries de fogões de pedra que vão descritos mais adiante.

3. A jazida está assente sobre base de areia das antidunas. Esta areia abaixo da camada compacta de conchas, encontra-se impregnada de cal proveniente das conchas em decomposição. Devido a isto, exposta ao ar e seca torna-se dura e bastante consistente.

MATERIAL ENCONTRADO.

A nossa escavação estendeu-se sobre uma área de uns cento e setenta metros quadrados.

Contrariamente ao que esperávamos, a jazida revelou-se extremamente pobre em material páleo-etnográfico. Verdade é que os fragmentos de pedras da jazida, maltratados pelo fogo pré-histórico, não contando as pedras dos fogões chegaram a encher umas cinco caixas de querosene, o que vem a perfazer uns cem litros. Estas pedras, porém, geralmente, não apresentam nenhum sinal ulterior de uso. Tão pouco houve na jazida o mínimo vestígio de esqueleto humano, ou mesmo de fragmento isolado de osso humano. Era até extremamente raro encontrar-se algum fragmento de osso de mamífero.

MACHADOS DE PEDRA

Encontramos na jazida um machado inteiro e dez fragmentos. Os fragmentos todos têm parte do corte ou o corte todo, com exceção de um deles que consta da cabeça de um machado, munido de encaixe para o cabo. Como matéria-prima, para o fabrico dos machados, serviram-se exclusivamente de basalto.

1. O machado inteiro foi encontrado sob a camada de conchas compactas na areia (3ª camada) praticamente no meio do sector NE a uma profundidade de cinquenta centímetros.

É um artefato pequeno, feito de basalto claro de nove centímetros de comprimento, cinco centímetros de largura e dois e meio centímetros de espessura. Pesa cento e setenta e cinco gramas. Uma das faces à convexa, toda alisada com apenas vestígios de lascamento lateral; a outra é plana, alisada apenas do meio até o corte e outra metade com um grande e outros pequenos planos de lascamento. Os lados são formados por arestas, parcialmente alisadas. O corte é todo alisado, um pouco danificado pelo uso.

A cabeça apresenta encaixes para o cabo, nas arestas laterais. Os encaixes são assimétricos sendo um deles mais alongado e menos fundo, do que o outro.

As superfícies internas dos encaixes não são alisadas, mas dão a impressão de terem sido cinzeladas.

2. Fragmento de machado, sem corte constando apenas de cabeça com encaixes laterais. Possui cinquenta e um centímetros de comprimento, outro tanto de largura e dois e meio centímetros de espessura e cento e cinquenta gramas de peso. O plano de fratura é oblíquo dos lados contituído de planos alisados. As faces são levemente convexas e perfeitamente alisadas apresentando apenas na cabeça pequenas superfícies de lascamento. Os encaixes, de uns três milímetros de profundidade, são quase simétricos e de superfície interna não alisada.

3. Fragmento longitudinal de machado constando de parte do corte e parte da cabeça. As faces são planas, não alisadas. Um lado foi perdido e substituído por um plano de fractura oblíquo às faces; o outro lado foi alisado e arredondado apresentando apenas vestígios do lascamento inicial.

O corte é alisado, tendo perdido ambas as extremidades por fracturas.

A cabeça apresenta do lado conservado, um encaixe para o cabo, de uns três milímetros de profundidade. A superfície interna do entalhe não foi alisada.

Nos outros oito fragmentos de machado falta a cabeça. Estamos inclinados a admitir que todos êles tivessem o encaixe característico para o cabo.

Apresentam todos o corte muito bem acabado e alisado. As faces geralmente são planas, ou levemente convexas e parcialmente alisadas. Os lados são arestas ou planos alisados. No mais não se diferenciam dos machados líticos comuns.

Os machados com encaixe são relativamente raros na Ilha de S. Catarina. Contam-se no museu etnológico do Colégio Catarinense uns mil machados de pedra, entre inteiros e fragmentos. Os machados com encaixe da coleção não chegam a vinte e cinco. O mais lindo exemplar de machado com encaixe foi-nos trazido neste ano de 1960, procedente de um sambaqui de Imaruí, cidade vizinha de Laguna, neste Estado.

Trata-se de uma peça de dois quilogramas de pêso, feita de basalto negro de superfície alisada, de vinte centímetros de comprimento, doze centímetros de largura, e quatro e meio centímetros de espessura.

Os encaixes são laterais profundos um e meio centímetros e simétricos, um centímetro da extremidade superior. A superfície interna do encaixe não foi alisada.

O corte forma uma curva quase perfeita. É uma peça original pelo tamanho e acabamento perfeitos.

FOGÕES.

Em princípios de dezembro, foi despertada a nossa atenção por uma formação estranha de pedras maiores rejuntadas, que apareceram na segunda camada.

Alcançamos já a periferia do último setor SL, onde a segunda camada, passara a ser constituída, apenas, de terra negra, livre de conchas. Tratava-se de um ajuntamento de pedras de granito e basalto que possuía cento e oito centímetros de comprimento e oitenta centímetros de largura e era formado de doze pedras maiores e cinqüenta pedras menores; juntadas de maneira a formarem uma espécie de bacia rasa. Êste primeiro fogão era coberto por lajes de basalto e pedaços de granito. A laje maior possuía quarenta e três centímetros de comprimento por dezesseis centímetros de largura e tinha apenas cinco centímetros de espessura. Possuía a côr vermelho-ocre devido ao aquecimento intenso e demorado. O granito, particularmente, do centro do fogão, esfarelava-se, devido à dilatação irregular dos cristais, provocados pelo aquecimento.

As outras pedras mostravam superfícies de descascamento provocadas por lascas que haviam saltado devido ao fogo.

Entre as pedras havia terra negra, formada por mistura de areia com carvão. Encontrava-se pouco carvão granulado no fogão.

Distante cinqüenta centímetros dêste, encontramos segundo fogão que possuía noventa e seis centímetros de comprimento por noventa centímetros de largura. Era formado também de pedras de basalto e granito sendo umas maiores e outras menores. Não havia pedras que cobrissem êste fogão. Tôdas as pedras mostravam sinais evidentes de fogo.

A quarenta e sete centímetros dêste, estava localizado terceiro fogão semelhante, de oitenta e quatro centímetros de comprimento e setenta e oito de largura. Tinha forma, quase circular e lembrava a figura de um prato. O granito dêste fogão esfarelava devido ao aquecimento.

Continuando a devassar aquela camada, na zona em que se protraía a terra negra, encontramos mais cinco formações de pedra semelhantes, distantes umas das outras, quarenta a cinqüenta centímetros e de forma mais ou menos circular.

O comprimento oscilava entre setenta e cinco e cento e cinqüenta centímetros e a largura entre quarenta e noventa e seis centímetros.

A terra negra, que mediava entre os fogões estava semeada de pedregulho de basalto e granito negro de carvão, ostentando vestígios nítidos de fogo e muitos dêles esfarelando. Estávamos evidentemente em face de um acampamento indígena, quicá de um chão de casa. No entanto, não foi possível encontrar, no solo daquela extensa cozinha pré-histórica, qualquer vestígio de cerâmica ou outro objeto que nos dissesse algo mais sôbre os supostos donos dos fogões.

Apareciam apenas invàriavelmente aquêles fragmentos de pedra, negros de carvão e maltratados pelo fogo. Havia entre êles apenas um fragmento de quebra-coquinhos, dois pequenos fragmentos de machado, ostentando o corte alisado e alguns outros fragmentos de basalto, uns alisados e outros com os lascamentos laterais, característicos dos utensílios indígenas.

Já em fevereiro de 1961, topamos pela primeira vez, com restos amarelados de um esqueleto em ótimo estado de conservação, que estava localizado ao lado de um dos fogões.

Passando a um cuidadoso desmonte horizontal, destinado a pôr a descoberto o esqueleto em foco, verificamos no solo nitidamente, os contornos da sepultura, que tomava início na camada superior e estendia-se através de tôdas as camadas. Nesta sepul-

tura aparecia, também, cerâmica moderna e todos os outros resíduos de cultura atual, desde a superfície, até o esqueleto. Tornou-se, por isto, evidente, que o esqueleto, em foco, não pertencia à cultura indígena, detentora dos fogões, mas, por um acaso, assaz curioso, fôra depositado posteriormente pelos moradores ao lado dos fogões indígenas. No entanto, o esqueleto era tão antigo, que já estava atravessado pelas raízes de arbustos, da espessura de um polegar.

O esqueleto encontrava-se a uma profundidade de setenta centímetros e era de um mamífero do tamanho de um cão. Falavam, porém, os membros anteriores e o crânio.

Pertencia à família dos Plantigrados, talvez mão-pelada (*Procion cancrivorus*) ou coati (*Nasua narica*).

Por infelicidade nossa, o dono do terreno, "seu" Marcelino Pereira, em meados do ano 1960, plantou no terreno limítrofe da jazida, mandioca (*Manihot utilissima*). Com o fim de descobrir os fogões nº 7 e 8, fomos obrigados a indenizar uma faixa de mandioca, de uns oito metros quadrados. Fazendo uma sonda uns dois metros adiante dos fogões, no mandiocal, encontramos numa profundidade de uns quarenta centímetros, novamente, uma camada de conchas com terra preta da espessura de vinte a vinte e cinco centímetros.

Outra sonda, feita três metros adiante do bloco testemunho, revelou ainda vestígios de conchas, numa profundidade de quarenta centímetros. Por certo, os supostos construtores da jazida, estivessem alojados no local dos fogões, que talvez fôsse área coberta e de lá, jogavam o lixo, restos de conchas, pedregulho, para todos os lados, particularmente para o lado noroeste.

A alimentação deles deve ter sido constituída particularmente de moluscos, peixes e sementes, mas, raramente, de caça. É de estranhar a baixa porcentagem de ossos, que aparecem na jazida. Talvez tenham tido o seu cemitério ao lado da jazida na parte não escavada.

b. SAMBAQUIS DA ILHA DE S. FRANCISCO DO SUL.

Por gentileza do Dr. Carlos Büchele Junior, MD. Diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, tivemos ensejo de visitar os principais sambaquis da Ilha de S. Francisco do Sul, em companhia do Dr. Sergio Serpokyrylow, engenheiro de minas do mesmo Departamento. A Ilha de S. Francisco, chamada pelo carijó da conquista "Babitonga", situa-se no norte do Estado de S. Catarina e possui, mais ou menos, metade da área da

Ilha de S. Catarina. Comunica-se com o continente por meio de dois diques, construídos, de um e do outro lado, da ilhota do "Linguado", que se encontra no meio do estreito canal que separa a Ilha de S. Francisco do continente. As condições geográficas e orográficas da Ilha de S. Francisco, são de todo análogas às da Ilha de S. Catarina. Não admira, por isto, que aquela Ilha, desde tempos pré-históricos, também, tenha atraído o homem primitivo, que ali encontrava condições ideais para prover a sua subsistência despretenciosa, construindo, no decorrer dos séculos, sambaquis, cujo conjunto, em capacidade, ultrapassa centenas de milhares de metros cúbicos. Infelizmente, estes interessantes monumentos de cultura pré-histórica, na sua maioria, já foram van-dalicamente destruídos por aqueles mesmos, que mais zelo deveriam ter pela sua conservação. Por ensejo da nossa visita, em julho de 1960, os tratores e caminhões da Prefeitura Municipal, desmontavam ainda diariamente, uma média de oitenta metros cúbicos de conchas, que eram aproveitadas como macadame de estradas. Todas as estradas dos arredores e do interior da Ilha, numa extensão de dezenas e dezenas de quilômetros, acham-se atapetadas de conchas de sambaqui.

Na Ilha do Linguado existia um casqueiro, de nada menos de dez mil metros quadrados de superfície. Este sambaqui já foi inteiramente desmantelado, sem a mínima atenção ao seu precioso conteúdo pré-histórico. Quase no centro da Ilha, no lugar chamado "Três Sambaquis", existiam três casqueiros, encostados em fila um no outro. Dois deles já estão completamente destruídos e o terceiro estava sendo furiosamente atacado pelos tratores da Prefeitura. O último destes sambaquis, ainda existente possui uns setenta metros de comprimento por trinta de largura e cinco de espessura de conchas. Compõe-se de preferência de berbigões e ostras fluviais, encerrando também, abundante carvão e pedras fraturadas pelo aquecimento. Este sambaqui dá a impressão de ser muito antigo, em vista de o material ósseo e conchífero todo, achar-se em estado adiantado de decomposição. Está além disto, profundamente minado pelas raízes das árvores, que cresciam na sua superfície e nos arredores. A capacidade dos três sambaquis juntos, deveria regular, por uns vinte mil metros cúbicos, restando deles ainda uns oito mil por ensejo da nossa visita. Em todas as camadas deste sambaqui apareciam vestígios de barro vermelho, que é comum em muitos outros sambaquis.

À distância de uns quatrocentos metros dos "Três Sambaquis" situa-se outro casqueiro de quarenta metros de comprimento por vinte e cinco de largura e quatro metros de espessura. O material conchífero deste sambaqui, ao contrário dos outros três, está muito bem conservado. Diversas ossadas humanas, espalha-

das nos arredores, particularmente ossos longos, acham-se em perfeito estado. Deve, por isto, datar de épocas mais recentes. Neste sambaqui encontram-se também numerosos fragmentos de recifes de corais, como não temos observado em nenhum outro casqueiro. Infelizmente também êste sambaqui está sendo destruído por fabricantes de cal. Restam dêle ainda uns dois mil metros cúbicos de conchas.

Distante dêste sambaqui uns duzentos metros encontramos a base de outro, que foi inteiramente desmontado pela Prefeitura Municipal. Pelas aparências, deve ter possuído tamanho aproximadamente idêntico ao precedente, apenas o material encontrava-se em estado de decomposição mais adiantado. No dizer dos sítiantes, existe na mesma zona, no meio da mata e sem estrada de acesso, outro grande sambaqui o qual, ao que consta, também, já se acha na lista negra da Prefeitura Municipal de S. Francisco do Sul.

Os sambaquis de maiores dimensões da Ilha, encontram-se nas imediações da praia do oceano. O primeiro dêles está encostado num morro do lado sul da Ponta da Enseada. Possui uma capacidade de, aproximadamente, trinta mil metros cúbicos, com cem metros de comprimento por cinquenta de largura e quinze a vinte de espessura de conchas. Quanto à fauna malacológica, observamos particularmente berbigão e ostras, formando camadas alternadas, que aparecem nitidamente na abertura de quinze metros de bôca, que foi feita ao lado sul do sambaqui, pelos caminhos da Prefeitura Municipal. Além de numerosos ossos de baleia e vértebras de peixes, observamos, também, ossos humanos, espalhados na brecha aberta.

Outro sambaqui encontra-se no Forte Marechal Luz, na ponta norte da Ilha. Encostado também na ladeira íngreme do morro, já desde muitos anos, fornece conchas para a pavimentação dos caminhos do Forte, bem como para outras finalidades. Encontramos naquele sambaqui, dois professores, Drs. Alan Bryan e John Gallovich, da Harvard University, Massachussetts, que estavam fazendo escavações. Além de numerosos esqueletos, haviam encontrado no sambaqui, grande número de machados de pedra, anzóis e pontas de flecha feitas de osso, colares feitos de conchas ou de dentes de cação, cerâmica, fogões, etc. Avaliavam a idade daquêle sambaqui em, passante de sete mil e quinhentos anos.

Com o fim de possibilitar futuros estudos mais detalhados, dêstes preciosos monumentos pré-históricos, salta aos olhos a necessidade de urgir a lei do Estado 228 que proíbe severamente a destruição brutal dêste precioso patrimônio cultural do país.

Florianópolis, 24-6-1961.

Zusammenfassung: Vorliegende Arbeit bringt einen weiteren Bericht über die *Erforschung der Muschelhaufen* (Sambaquís) auf der Insel Santa Catarina, Südbrasilien. Nachdem die Grabungen am Flughafen und im südlichen Teil der Insel (siehe Pesquisas 1959 und 1960) schon manch wertvolles Material zutage gefördert haben, widmet der Verfasser diesmal seine Aufmerksamkeit dem nördlichen, der offenen See zugekehrten Gebiet.

Nach einer einleitenden geographischen Kennzeichnung dieser Landschaft, die aus mehr oder weniger verfestigten Dünen und Brackwasserseen mit der mittleren Bergkette der Insel im Hintergrund besteht, zählt er nicht weniger als 16 mehr oder weniger ausgedehnte und verschiedentlich gut erhaltene Muschelhaufen auf, die rings um die Lagoa da Conceição verstreut liegen.

Darauf verweilt er eingehend bei einem dieser Sambaquís, der sich 300 Meter von Süden des Sees (Canto da Lagoa) und 2 Kilometer vom Strande entfernt befindet. Die über ein Jahr fortgeführten Grabungen erbrachten erstaunlich wenig Steingeräte.

Den wichtigsten Fund stellen 8 Steinsetzungen dar, die der Verfasser als Feuerherde deutet.

Abschliessend folgt ein kurzer Bericht über die Muschelhaufen der Insel São Francisco, deren Zerstörung trotz gesetzlichen Verbotes weitergeht und sich der völligen Vernichtung nähert.

Abstract: This is the third of the author's records on the *paleo-ethnographic sites on the Island of Santa Catarina*, South Brazil (see Pesquisas 1959 and 1960). A preliminary survey of the shores of the Lagoa da Conceição, a shallow brackish lake between the sand dunes of the Atlantic coast and the central mountain ridge of the Island, revealed the existence of no less than 16 shell mounds (sambaquís) of different bulk and state of preservation.

One of these sites, situated near the southern end of the Lagoa and 2 km from the Ocean, was selected for a very careful exploration. Against expectation, the amount of artifacts was extremely poor.

In compensation, eight well preserved stone settings were uncovered, a hitherto not observed feature in the sambaquís and sites known to the author; he interprets them as primitive hearths.

As a conclusion, a short record on the shell mounds of the Island of São Francisco (north of Florianópolis, near the frontier of Paraná) is given, which centers around the sad statement: Notwithstanding the law severely forbidding destruction of the sambaquís, their dismantling is rapidly going on by the hands of local government!

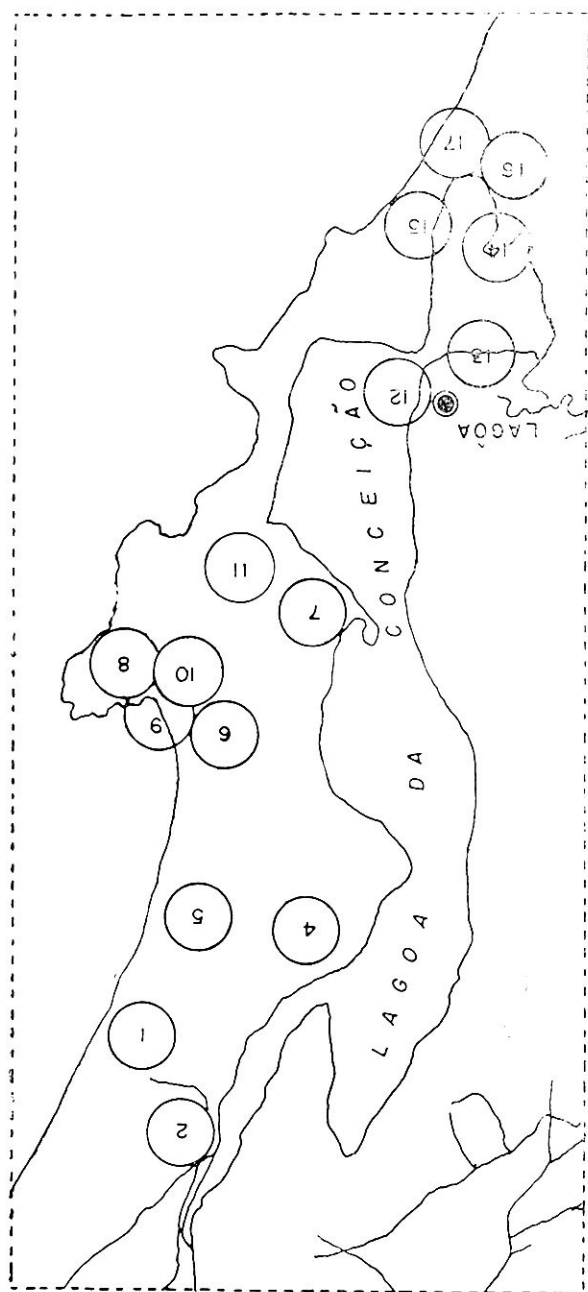


FIG. 1 — As jazidas arqueológicas da Lagoa da Conceição, na Ilha de Santa Catarina. Escala do mapa: 1:100.000

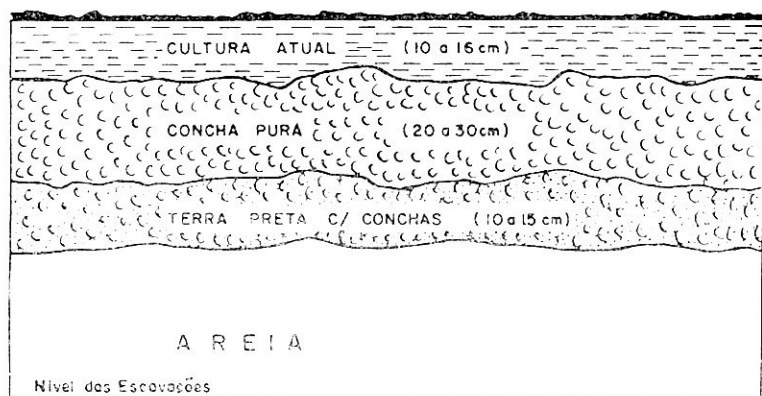


FIG. 3 — Corte nº 1: no ponto mais alto do montículo de conchas. Escala: 1:20.



FIG. 4 — Corte nº 2: no declive que as conchas apresentam para o centro do acampamento, representado pelas conformações de pedras. Escala: 1:20.

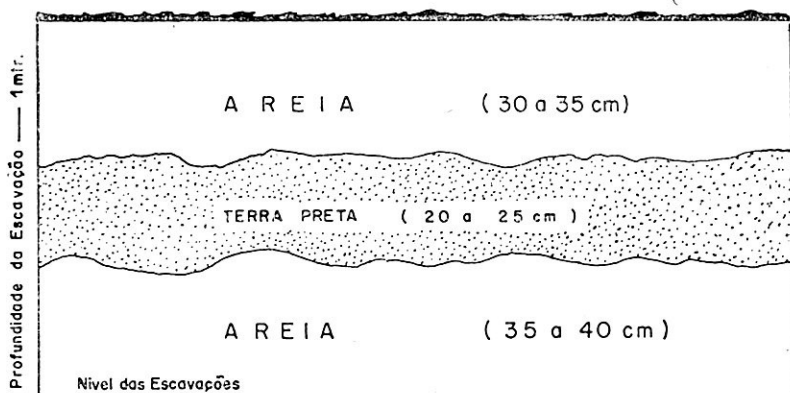


FIG. 5 — Corte nº 4: junto às conformações de pedra. Não há conchas, mas só terra preta. Escala: 1:20.

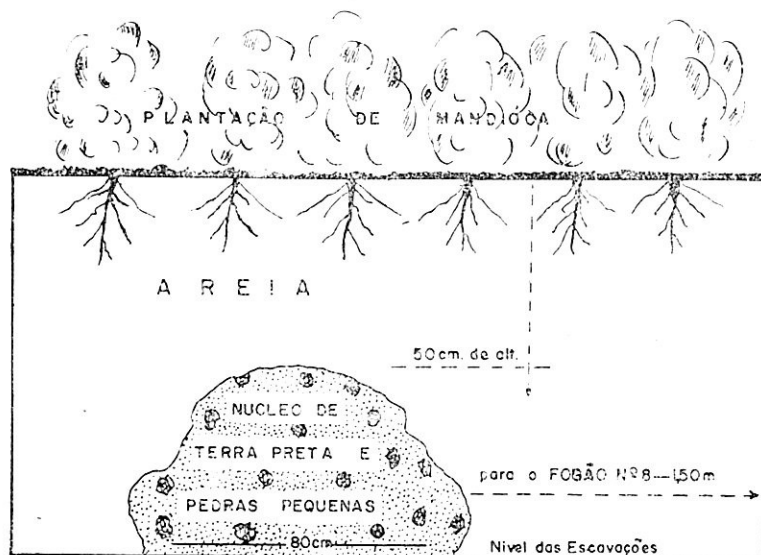


FIG. 6 — Grandes núcleos de carvão triturado e cinza, misturados com pedras pequenas, eram encontrados entre as conformações de pedra. Escala 1:20.

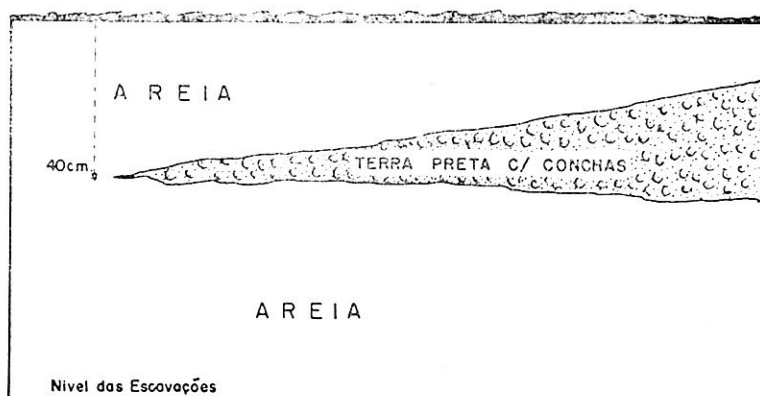


FIG. 7 — Corte nº 6: estrutura na periferia do montículo de conchas. Escala 1:20.

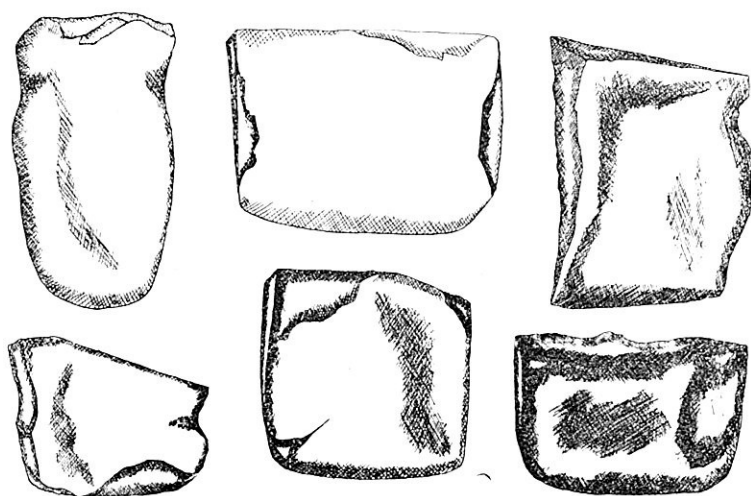


FIG. 8 — Machados encontrados na jazida nº 16, do Canto da Lagoa. Tamanho reduzido.

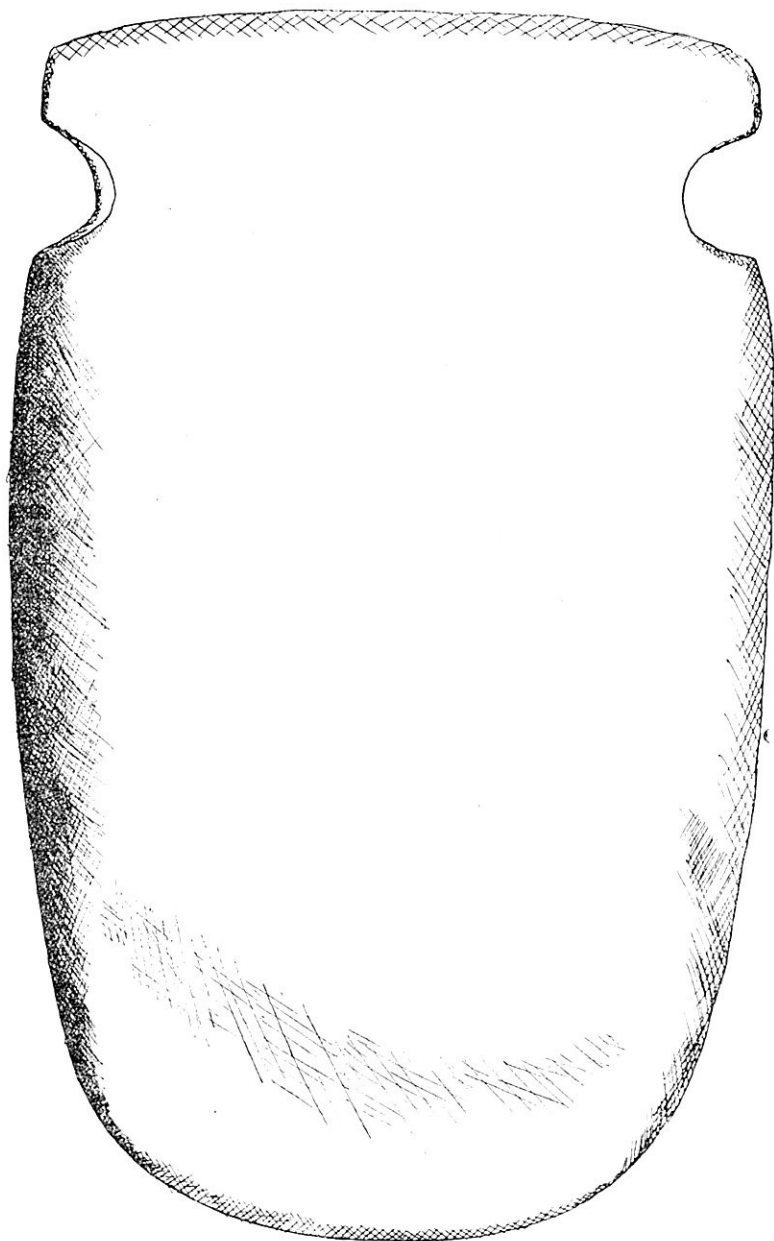


FIG. 9 — Machado com encaixe, encontrado em Imarui. Tamanho natural.

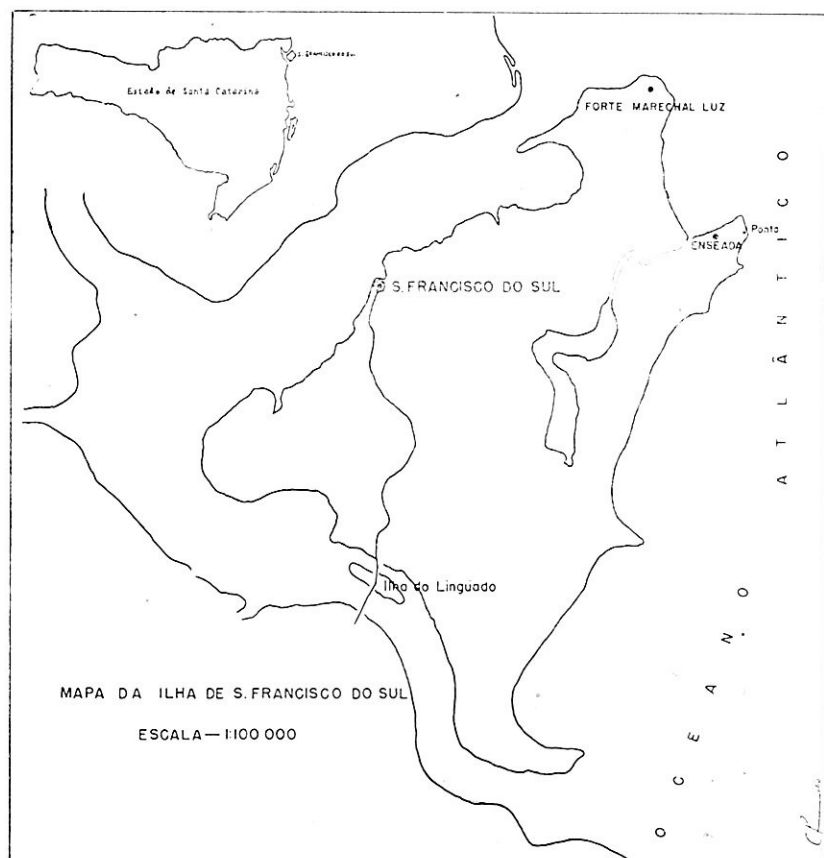


FIG. 10 — Mapa da Ilha de São Francisco, estado de Santa Catarina.

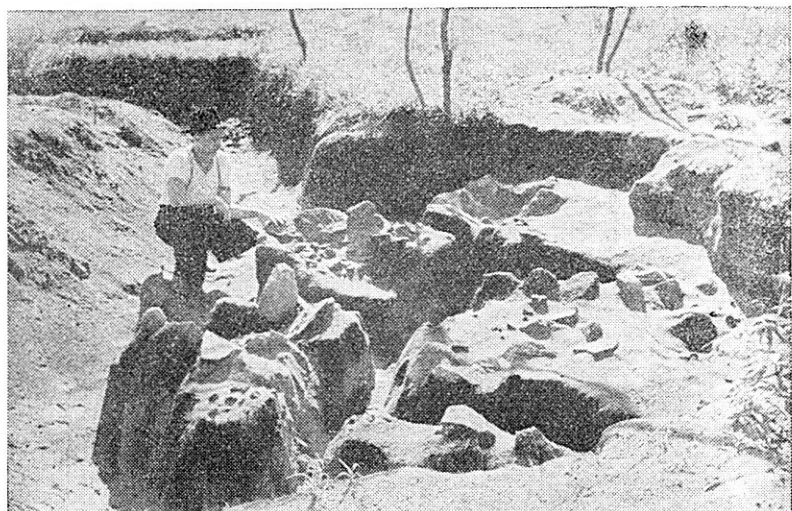


FIG. 11 — Jazida nº 16 do Canto da Lagoa: As formações circulares de pedra, descritas como «fogões».

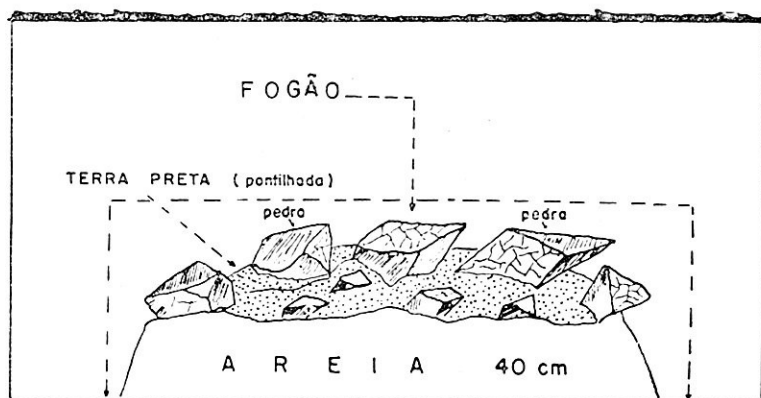


FIG. 12 — Corte de uma conformação de pedra, denominados de «fogões» no trabalho. Escala 1:20

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. UM PARADEIRO GUARANI NO ALTO URUGUAI — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 122-142.
2. OS IRANCHE, CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ETNOLÓGICO DA TRIBO — José de Moura, S. J. — Pesquisas, 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. PARADEIROS GUARANIS EM OSÓRIO (RIO GRANDE DO SUL) — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 113-143.
4. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. A CERÂMICA GUARANI DA ILHA DE SANTA CATARINA E A CERÂMICA DA BASE AÉREA — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 3, 1957, 267—324.
6. SCHMUCKGEGENSTÄNDE AUS DEN MUSCHELBERGEN VON PARANÁ UND SANTA CATARINA, Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. OBJETOS ZOOMORFOS DO LITORAL DE STA. CATARINA E PARANÁ — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia n. 7, 51 pp., 13 tab.
8. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA, II — A. Rohr, S. J., Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 páginas, 5 figuras, 1 mapa.
9. JUAN DEL OSO EN LOS TUZTLAS — J. Hasler, Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 páginas.
10. OS MUNKÜ, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. WILDSCHWEINHAUER ALS WERKGERÄTE — aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. — Von Guilherme Tiburtius — Pesquisas 5 (1961), Antropologia nr. 11, 28 pp. 5 abb.